

“EITA NEGA GOSTOSA”: ENTRE O DESEJO E O ESTEREÓTIPO, MARCAS CULTURAIS E DISCURSIVAS DO/NO CORPO FEMININO NEGRO

Thaislane Lopes da Anunciação Macêdo

Edivania Vitória Moreira

Os vários signos normalizadores que construíram e constroem o corpo feminino negro ao longo da história, foram se adequando às intenções discursivas do colonizador. Esses puderam ser constatados na rede discursiva dos feirantes das cidades nordestinas baianas de Amargosa e Coração de Maria, por meio de aplicação de entrevistas semiestruturadas nas suas Feiras Livres e referenciam este artigo. O corpo que era feio, nojento, preguiçoso passa a ser, paradoxalmente, belo, viril, trabalhador, exótico reconfigurando-se nos diferentes movimentos políticos (COSTA, 2009). O desejo (re)cria o corpo negro e o estereótipo o marca: A “nega” gostosa é a mesma “nega” que, muitas vezes, “não serve para casar”. Procuramos compreender como esses discursos, apoiados por narrativas da cultura europeia, branca, machista e sexista normalizam a mulher negra, construindo lugares restritos à sua vida pública. Para tanto, tem-se como base teórica os postulados de Foucault (1987), Bhabha (1998), Curiel (2007), Fanon (2008), Cunha (2002) e Costa (2007). Lugar de controle social o corpo sempre foi objeto das redes microfísicas de poder (FOUCAULT, 1987, 1997). Do sexo forçado com o colonizador às ridículas cantadas dos dias atuais várias foram e são as tentativas de domesticação e/ou disciplinarização do corpo da mulher negra. A “nega do corpão” desperta os mais variados desejos. Os estereótipos construídos pela cultura, de caráter normativo e hegemônico, são capilarizados na sociedade, criando empecilhos para a vida da mulher negra. As marcas sociodiscursivas e/ou socioculturais transformam, em muitos casos o corpo da mulher em um objeto, que serve apenas para satisfazer os desejos sexuais dos homens. Um corpo torna-se desejável por meio das práticas discursivas que o constrói como modelo, impassível às singularidades. Quando uma mulher negra escuta o “Eita nega gostosa”, várias estratégias de poder estão sendo utilizadas e formuladas pela sociedade; contudo signos identitários estão sendo elaboradas nos entre- lugares, formando disjunções de etnias, religiosidades e gêneros, como formas de resistência à padronização. Erguem-se resistências fronteiriças, diaspóricas e complexas (BHABHA, 1998; HALL, 2009).

Palavras-chave: mulher negra, cultura, corpo, estereótipos, resistência.